

# DIÁLOGOS METALITERÁRIOS EM *A HORA DA ESTRELA*, DE CLARICE LISPECTOR, E *O MUNDO DAS IMPOSSIBILIDADES*, DE LUIZ RUFFATO

Maria do Carmo de Oliveira Moreira dos Santos<sup>1</sup>

## RESUMO

A abordagem metaliterária dentro de uma obra é um tema recorrente. Assim, este artigo propõe fazer uma breve reflexão das obras *A Hora da estrela*, de Clarice Lispector, e *O mundo das impossibilidades*, de Luiz Ruffato, sob o prisma da metalinguagem e da metaliteratura. Essa abordagem tomará como sustentação teórica três autores, Umberto Eco, (1994), Terry Eagleton (1983) e Antoine Compagnon (2009). Mostrará também os pontos intertextuais entre as narrativas, mesmo considerando a diferença do tempo de enunciação das obras.

**Palavras-chave:** Narrativas; Metalinguagem; Metaliteratura; Intertextualidade.

No campo da literatura, uma temática recorrente é a abordagem metaliterária dentro de uma obra, discutindo o fazer literário. Por essa razão, faz-se aqui uma breve reflexão das obras “A Hora da estrela”, de Clarice Lispector e “O mundo das impossibilidades”, de Luiz Ruffato, sob o prisma da metalinguagem e da metaliteratura. Já de antemão, pode-se dizer da dificuldade de tratar desse tema, em duas obras tão ricas neste assunto, em um espaço limitado como é a de um artigo, pois tem-se elementos para um estudo de tese. A despeito disso, arrisca-se aqui apontar alguns elementos que, por ventura, possam ser desenvolvidos por outros pesquisadores. A empreitada exige cortes dentro do recorte, dada a inúmeras passagens nas obras estudadas comparadamente que sugerem a metalinguagem e a metaliteratura. Essa abordagem tomará como sustentação teórica três autores, Umberto

---

<sup>1</sup> Professora de Língua e Literatura, Doutora em Literatura Brasileira pela PUC-Minas, com o trabalho de tese “Carlos e Mário: análise das correspondências sob a perspectiva do público e do privado”. Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa, pela mesma instituição, com o trabalho intitulado, *Imagens Urbanas: uma leitura dos signos da cidade contemporânea no espaço narrativo de Luiz Ruffato e João Antônio*. Pesquisadora, com participação nos seguintes grupos de pesquisa: “Complex Cognitio: Uma visão integrada da cognição humana: corpo, cérebro, mente, linguagem, significação”, (PUC-MINAS), COMTE: corpo, movimento e tecnologia. CEFET-MG e do Grupo de Pesquisa “Outrora Agora”, coordenado pelo Prof. Dr. Henrique Roriz, pela UNEMAT. Atualmente, dedica-se também ao projeto de Pós-doutoramento, “Corporificação do movimento feminista: um estudo sobre a linguagem de mobilização e resistência em poéticas e ‘Textos Manifestos’ feministas”, estes últimos publicados no espaço Web de 2013 até os dias atuais.

Eco (1994), Terry Eagleton (1983), Antoine Compagnon (2009). Todos esses teóricos citados discutem como se constitui uma obra literária, de que se trata a literatura, a literatura como arte, qual o papel social/político da literatura e se a literatura, a priori, não tem compromisso com a práxis humana. Se não o tem, a que ou a quem ela serve?

Apesar de terem sido elaboradas em contextos diferentes, isto é, em dois momentos diferentes da literatura brasileira, há pontos de intercessão entre essas narrativas. O primeiro deles é a questão metaliterária, como já foi dito. Tangencialmente a essa questão, mostrar-se-á também como Clarice Lispector representou personagens “marginalizados”, como a Macabéa, e de que maneira Luiz Ruffato representa personagens “excluídos” em busca de uma melhor posição sócio-econômica. Num movimento migratório, as personagens de ambas obras aparecem em trânsito, saem do interior e migram para os grandes centros, deparando-se com as mais diversas experiências. O livro de Ruffato conta uma multiplicidade de histórias que se movimentam dentro de uma narrativa também deslizante: Natália, Nelly, Dimas, Guto, Luiz Augusto, Nilson, Raul, Alzira, Zezão, Zezé e Dinim etc, todos protagonistas dos relatos sobre pessoas simples, na luta diária de vidas sofridas. À margem do sistema sócio, econômico e cultural, os personagens de Clarice e do Ruffato driblam, cada um à sua maneira, as mazelas da sociedade excludente e lutam pela sobrevivência.

Em “A hora da estrela”, o narrador/autor já institui a discussão sobre a construção da obra na abertura da história, evocando a gênese do mundo. “Tudo no mundo começou com um sim.” (LISPECTOR, 1984:17). O sim é o sopro inicial, é a palavra que se institui como narrativa. Mas, percebe-se de imediato que há alguma ironia neste início narratológico, pois logo adiante o narrador desconstrói a ideia do autor/iluminado, e o escritor “perde sua aura”. “Que ninguém se engane, só consigo a simplicidade através de muito trabalho.” (p.17). A respeito da construção narrativa, Umberto Eco, em “Seis passeios pelos bosques da ficção”, diz que

Sempre se procurou Deus como Narrador – nos intestinos dos animais, no vôo dos pássaros, na sarça ardente, na primeira frase dos Dez Mandamentos. Alguns, todavia (inclusive filósofos, é claro, mas também

adeptos de muitas religiões), procuraram Deus como Autor-Modelo — quer dizer, Deus como Regra do jogo, como a lei que torna ou um dia tornará compreensível o labirinto do mundo. A divindade nesse caso é algo que precisamos descobrir (ECO, 1994, p. 121).

Pode-se dizer que, nessa passagem, Eco diz que essa procura de Deus nas coisas, associada ao primeiro mandamento, “Amar a Deus sobre todas as coisas”, muitas vezes leva os desavisados a acreditar que o exercício da escrita é meramente uma inspiração Divina. Esse teórico desconstrói a ideia de que a criação artística seja algo da ordem do Divino, uma inspiração superior. Ao contrário disso, Eco explana o exaustivo trabalho, tanto do autor, no momento da criação literária, quanto do leitor no momento da leitura, ao exigir que o leitor saia da superficialidade do texto e perceba dentro do labirinto narrativo qual o caminho a ser percorrido no “bosque da ficção”. A partir disso, pode-se perceber que o exercício de articular as artimanhas do texto escrito é uma prática que deve ser exercida constantemente pelo legente, independentemente do gênero textual. Para tanto, Eco alerta os leitores da ficção sobre a importância da articulação do “autor-modelo”, no momento da leitura. O autor-modelo, o narrador e o leitor “Precisam aparecer juntos porque o autor-modelo e o leitor-modelo são entidades que se tornam claras uma para a outra somente no processo de leitura, de modo que um cria a outra. (ECO, 1994, p. 30). O autor-modelo é aquele construído pelo próprio leitor ao acionar sua competência enciclopédica, a fim de perceber as estratégias narrativas, utilizadas pelo autor-empírico. Nesse contexto, a divindade, ironicamente, vem da transpiração e não da inspiração. A dita inspiração nasce do desejo de se debruçar sobre o exaustivo trabalho criador.

Continuando essa linha de raciocínio, a partir da intertextualidade bíblica citada acima sobre o “sopro criador”, que remete à gênese do mundo, aqui tomada como gênese das obras em estudo, percebe-se instaurada uma desconstrução do autor como um iluminado. O “culto ao gênio” (Burger, 2008) logo cai por terra, segundo as palavras do narrador/autor: “é trabalho de carpintaria.” (LISPECTOR, 1999, p. 14), o que corrobora a leitura aqui apresentada. Se não é inspiração Divina, o que estimula alguém a escrever? Essa é a resposta dada pelo narrador/escritor de *A hora da estrela*: “Enquanto eu tiver

perguntas e não houver respostas continuarei a escrever.” (LISPECTOR, 1999, p.11). As questões humanas nunca se fecham numa resposta, assim como a leitura da obra literária. Logo, o desejo de expressar aporias permanece naqueles que buscam as artes como forma de linguagem.

Nesse contexto, a metafísica e a metalinguagem se encontram. Rodrigo S. M., narrador/autor imaginado por Clarice, conta a história de Macabéa, uma nordestina que ele viu na rua. Algo externo move seu lado criador. “Por que escrevo? Antes de tudo porque captei o espírito da língua e assim às vezes a forma é que faz o conteúdo”. (LISPECTOR, 1998, p. 18). Nas palavras do narrador/autor pode-se entrever a preocupação estética particular de Clarice Lispector, que mede cada palavra e contexto narrativo, mostrando como a forma é a expressão própria da realidade dentro da arte literária. Nas palavras de Rodrigo S. M. o fazer literário está na maneira de narrar a história da nordestina e vice-versa. Nessa perspectiva, a figura do narrador/autor, aqui configurando um sujeito plural/plurivocal/plurilinguístico, encontra-se imbricada, pois o narrador fala do processo de criação, e também se torna a entidade doadora da enunciação narrativa. Para ele,

Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo e que estou escrevendo. Deus é mundo. A verdade é sempre um contato interior e inexplicável. A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior não há uma só palavra que a signifique. (LISPECTOR, 1998, p.11).

Na contradição entre o aspecto de falta da linguagem e do desejo de expressar, enunciado pelo narrador/autor, instaura-se o jogo do fazer literário. Os paradoxos do “real”/imaginário da “vida verdadeira” é algo inefável, porque inapreensível, mas serão descritos mesmo assim, pois o estímulo de sua criação (Macabéa) o instiga. O jogo narrativo também usa do blefe: se não se pode dizer, pode-se inventar. Simulacro, a representação prenunciada no mundo da caverna por Platão aqui estrutura-se através da arte do fazer literário, espaço por excelência para colocar no jogo a si mesmo e o outro. A esse respeito, Compagnon (2009, p.26), em “Literatura para quê?”, faz o seguinte comentário, citando Zola: “Exercício de reflexão e experiência de escrita, a literatura responde a um

projeto de conhecimento do homem e do mundo”. Nessa dialética homem/mundo, representação de si e do outro se apresenta logo no início em “Dedicatória do Autor”, pois Clarice na voz o narrador/autor enuncia: “a todos esses que em mim mesmo atingiram zonas assustadoramente inesperadas, todos esses profetas do presente e que a mim me vaticinaram a mim mesmo a ponto de eu neste instante explodir em: eu.”

Esse “eu”, instituído na narrativa, mostra nas artimanhas da criação, que a autora empírica se funde (confunde), transfigurando-se em narrador/autor, nomeado Rodrigo S. M. Ao migrar-se para dentro da narrativa autor empírico, narrador/autor, justifica-se a construção de seu discurso, afirmando e negando em várias passagens, questionando o processo de enunciação e revelando a consciência autorreflexiva e autocrítica da criação artística. O texto narrado, ora em 1ª. ora em 3ª. pessoa, engana o leitor displicente, o que constitui uma tensão. Nesse aspecto, pode-se acordar com Luis Alberto Brandão (2013, p. 240) ao tratar a metalinguagem como um movimento recíproco, de dentro para fora e fora para dentro do espaço narrativo. O autor-empírico figurado como narrador/autor narra a relação de um “eu” observador do mundo exterior que o faz criar outro mundo interno, dentro da ficção. Nesse espaço, encontros e desencontros, conflitos, contradições resultam o texto literário. Compagnon (2009, p.18) ainda alerta o leitor sobre a importância de perceber essas articulações: criação e história, texto/ contexto, autor/leitor, elementos que se manifestam, sem que se desconsidere a tensão entre eles.

Na prática, pode-se dizer que a simples história da nordestina, narrada pela perspectiva de seu criador dentro da história, é um recurso utilizado por Lispector para levar o leitor a entender o universo criativo. Não aleatório, Rodrigo é um deslocado, à deriva no mundo: "Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar pra mim na terra dos homens". Preenche sua vida narrando a história de Macabéa e declara “amá-la e compreendê-la”, mas sua narrativa se tece pelos muitos questionamentos que ele faz a respeito dela. A personagem Macabéa vai tomando forma, ao mesmo tempo que o próprio personagem criador/narrador se constitui. Nessa tensão criativa de imbricação de personagens e entidades criativas, está o exercício de alteridade: ele escreve para compreender o outro e se compreender.

Quanto à linguagem, o livro a apresenta como trabalho de escrita, trabalho do artista na sua criação. Esteticamente, antes de iniciar a narrativa e logo após a “Dedicatória do autor”, o narrador/autor fala sobre os treze títulos cogitados para o livro, dentre eles, o título do livro, *A hora da estrela*. Estrela essa que representa as muitas vozes femininas que a construção do “eu” narrador/autor lhe inflige.

A escrita é descontínua e imprevisível, com saltos no tempo e no espaço enunciativo. Estratégias que remetem à terceira fase da literatura brasileira. Clarice faz parte de um grupo de escritores que trabalha com histórias simples, valorizando personagens “periféricos”. Macabéa é a própria simplicidade encarnada numa moça nordestina, “de uma inocência pisada, de uma miséria anônima” (Clarice em entrevista). O que mais incomoda o leitor nesta história é perceber que essa miséria, descrita por Clarice, é uma miséria (con) sentida, pois Macabéa pedia desculpas por tudo e a todos. Em um diálogo, Olímpico (seu namorado?) propõe “mudar de assunto” e Macabéa diz: “— Falar de quê?! — Por exemplo, de você. — Eu?!/ — Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente. — Desculpe mas não acho que sou muito gente.” (LISPECTOR, 1998, p. 48) . Os diálogos são curtos e a linguagem é simples. Os dois personagens possuem discursos limitados e não conseguem tecer reflexões elaboradas sobre a vida, embora Olímpico quisesse parecer o conhecedor das coisas. E era assim que Macabéa o percebia: “Ela achava Olímpico sabedor das coisas”, e ele se aproveitava desse “status”. Essa subjugação de Macabéa deixa clara na narrativa a crítica à sociedade patriarcal e aos valores de dominação. O fato da personagem não ter estudado e desenvolvido seu lado intelectual, a deixa propensa à exploração, à subjugação, até mesmo pelo próprio Olímpico que ocupa o mesmo espaço social, cultural e econômico que ela.

A história termina com a morte de Macabéa, atropelada por um Mercedes amarelo. Chegou “A hora da estrela”, que acontece somente no momento da morte, pois “Viver é um luxo”. (Lispector, 1998, p 86). Morte da personagem e do criador, narrador/autor, isto é, a história termina com a retirada do criador e de sua criação do mundo imaginativo já que encerra o processo de criação. Agora o que fica é a obra e o leitor, peças também importantes no jogo literário.

Em *O mundo das impossibilidades*, Luiz Ruffato faz a discussão do fazer literário pela mesma via intertextual de *A hora da estrela*. Na terceira parte do livro, *Zeze & Dinim* (sombras do triunfo de ontem), Ruffato, de forma similar, coloca como citação uma parte do livro “Genesis”, retirado da bíblia. “No principio Deus criou os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia e havia trevas sobre a face do abismo...”(Gênesis,1:1-5). A ironia se faz explícita nesta citação como também na exibição do trabalho de carpintaria da construção da obra. Nesse livro, — forma e conteúdo também se completam, fazendo com que o leitor se sinta montando um “puzzle”. A obra se divide em três partes: “Era uma vez”, que alude a um tempo passado não determinado. A indefinição temporal remete a um tempo qualquer, de qualquer um, pois as histórias são muitas, são vários os personagens com suas histórias comuns. Depois, em “Carta a uma jovem senhora”, que marca o tempo presente, da personagem, em relação ao passado, na tentativa de escrever uma carta a um antigo amor. Apesar de muitas tentativas, a escrita parece insuficiente para relatar os sentimentos guardados há tanto tempo. Nessa narração, o desfecho é a descoberta de mentiras do passado. A dissimulação é o fio condutor da narrativa: assim que desfeita, a narrativa termina. Por último, “Zeze & Dinim (sombras do triunfo de ontem)”, poderia ser a primeira, pois é nessa parte que aparece a citação do livro do Gênesis”.

Em *O livro das Impossibilidades*, as vozes narrativas são muitas e se imbricam. Mas há um narrador onisciente que acompanha as histórias. Muitas vezes, esse narrador deixa aparecer a voz de algum personagem, corroborando a estratégia de criar um “espaço na literatura” para que personagens comuns possam falar por si mesmos. A leitura metaliterária, nessa obra, se dá especialmente pela evidência da mobilidade narrativa e do excessivo trabalho formal. Terry Eagleton (1983), em “Teoria da literatura”, no capítulo “O que é literatura”, diz que “Talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou “imaginativa”, mas porque emprega uma linguagem de forma peculiar.”(p. 3). A peculiaridade no texto do Ruffato acontece pelo rebuscamento da forma, tornando o texto visual. A materialidade estrutural do enunciado, dividindo-se em colunas, no terceiro episódio, contando as histórias de Dinim e Zeze, remontando vidas paralelas, ou o uso do negrito, do itálico, das aliterações, gerando uma narrativa caótica e fragmentada, revelam

o conflito e a agitação do realismo do choque social. Neste exemplo, “**Zira! Ô Alzira ahn?! Já vou, Olegário!, Já vou! Alzira! Espera, Olegário, o Pitoco soltou! Ô meu deus!**”(RUFFATO, 2009, p. 44) a subversão à norma é evidente. Ao transcrever o diálogo o autor não o faz da forma convencional de marcá-lo pelo travessão. Simplesmente usa o negrito que o destaca no meio do texto. Mas, entre o diálogo ainda aparece o ruído da raspagem da garganta do velho, “*ahn*”. Essa leitura é possível porque o som não aparece em negrito e sim em itálico, deslocando-se da fala da personagem. Os elementos formais, como as variações dos registros tipográficos, a subversão da pontuação, as lacunas, os sons, o ritmo dão “o efeito de estranhamento ou desfamiliarização”, tornando os objetos mais perceptíveis”. (Eagleton, 1983, p. 4). Assim, o caráter metaliterário fica instaurado como um trabalho de um escultor em busca da expressão pela forma, até mesmo para refletir na escritura as ruínas entrevistadas nas histórias contadas. Muitas vezes, a troca da tipologia entre as letras, ou os negritos torna-se fio condutor do texto.

...enrodilhada no bote Urutu, Urutu-cruzeiro!, escorpiões, tatus, nenhum guará, índio, o pai perdeu o emprego de contramestre na Manufatora tantas faltas, a mãe perdeu o juízo tanta falta **tudo: empregocasaescolacolegasmãefamíliasossego:tudo Dinim!** (RUFFATO, 2009, p.99).

Nota-se, aqui, um “Desvio da norma, uma espécie de violência linguística.”(EAGLETON, 1983, p. 8). Essas rebeliões, estrutura caótica do texto, são estratégias usadas pelo autor para que as palavras saiam do campo do significado primeiro e passem a representar outras coisas. A intenção ideogramática, em que as palavras aí emboladas reproduzem imagetivamente, representa o emaranhado de problemas a serem enfrentados. A leitura metonimicamente vai muito além do enunciado. A falta de espaços ou da pontuação, nesse exemplo e em diversas passagens, alude também à necessidade de uma comunicação cada vez mais objetiva e veloz, que comunga com a era contemporânea.

Em outras passagens algumas estruturas frasais, inseridas no meio da narrativa, ou dos diálogos, lembram os versos livres e longos, característica poética de alguns poemas contemporâneos: “Curva de frio, a tarde recolhe-se, vagarosa, casmurra.”(p. 55) Assim



como uma das tendências da poesia moderna é a negação do verso rígido, tradicional, a narrativa de Ruffato rompe com as formas convencionais da prosa literária, como foi exemplificado acima. Pelo viés da crítica social, essa narrativa, que foge às regras do discurso escrito, leva o leitor a conhecer outros mundos, de personagens simples, cujo discurso muitas vezes se difere pela fala informal, pela peculiaridade e pela simplicidade.

A literatura, então, torna-se um espaço apropriado para conhecer as variações linguísticas que circulam numa sociedade, as diversas histórias e o cotidiano daqueles que pertencem a mundos diferentes dos leitores. A esse respeito, Antonie Compagnon (2009), Em “Literatura para quê?”, conferência apresentada como aula inaugural de uma nova cadeira de Literatura Contemporânea, no Collège de France, defende a leitura dos textos literários importantes na formação do indivíduo. Para isso, o Cátedra começa sua conferência questionando “Quais valores a literatura pode criar e transmitir?” “Que lugar deve ser seu espaço público?” “Ela é útil para a vida?” “Por que defender seu lugar na escola?” Segundo Compagnon (2009), “O texto literário me fala de mim e dos outros, provoca minha compaixão; quando eu leio eu me identifico com os outros e sou afetado por seu destino; suas felicidades e sofrimentos são momentaneamente os meus.” (p. 48). E essas são questões que podemos constatar nas duas obras comentadas, principalmente porque comprovam que a literatura parece ser o lugar por excelência de reflexão. O jogo narrativo metaficcional/metaliterário cria um espaço que através da estética leva o leitor ao exercício do pensamento crítico. Acrescenta-se ainda que uma boa leitura é sempre marcada por experiências inefáveis. O contato com a literatura desperta a inteligência, a sensibilidade, o apreço pela diversidade e o olhar crítico para o mundo.

A leitura do livro *A hora da estrela* ao mesmo tempo que exige do leitor a percepção do jogo literário pela metalinguagem, é também um exercício de reflexão sobre a subjugação da mulher pelos homens como a Olímpico e a seu patrão e sua colega no ambiente de trabalho. Quantas Macabéas ainda estão por aí, tentando sobreviver nesta sociedade falocêntrica, capitalista, excludente? Assim como a obra clariciana, *O livro das impossibilidades* leva o leitor à reflexão da dilaceração das vidas dos imigrantes para o grande centro. “Peças que se juntam para oferecer aos leitores um retrato de complexidade

dessas vidas simples. Este é o vigor do projeto literário de Luiz Ruffato.”, palavras de Cecília Almeida Salles , na orelha do livro.

Portanto, mesmo admitindo que a literatura não tem, a priori, o compromisso de retratar a realidade, parece que não se pode negar que essa arte, em sua liberdade, ao discutir o fazer literário, contextualizando a literatura num universo sócio-histórico-cultural, fala também sobre segmentos sociais que, por contingências outras, se encontram excluídos dela. Isso fica explicitado quando esses dois autores criam espaços dentro da literatura, para que esses segmentos sociais possam falar sobre suas angústias, suas facetas na luta por um lugar no seio da sociedade. De certa forma, o espaço literário se desdobra para falar de si mesmo, falar sobre o fazer literário, como se provou pela metalinguagem perpassando as duas obras, e também para contar as histórias de personagens vários, inseridos na sociedade. As obras discutem, pois, através da estética o lugar que ocupa a literatura contemporânea: lugar este em que vozes silenciadas pela luta diária, pela exclusão sócio, cultural e econômica, possam ser evidenciadas.

### **Referência bibliográfica**

BRANDÃO, Luis Alberto. *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BURGER, Peter. Sobre o problema da autonomia da arte na sociedade burguesa In: *Teoria da vanguarda*. Trad. José Pedro Antunes. São Paulo: Cosac & Naïf, 2009, p. 81–114.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COMPAGNON, Antoine. A literatura. In: *Literatura para quê?* Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

EAGLETON, Terry. Introdução: O que é literatura. In: EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltencir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983 p. 1-17.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

RUFFATO, Luiz. *O livro das impossibilidades*. São Paulo: Record, 2008..

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

**METALITERARY DIALOGUES IN *THE HOUR OF THE STAR*, BY CLARICE LISPECTOR, AND *THE WORLD OF IMPOSSIBILITIES*, BY LUIZ RUFFATO**

**ABSTRACT**

The approach metaliterary in the literature is a recurrent theme. Thus, this article offers a brief reflection of deeds "A hora da estrela", Clarice Lispector and "O mundo das impossibilidades", Luiz Ruffato, through the prism of metalanguage and metaliterature. This approach will be based on the theory of four authors, Umberto Eco (1994), Terry Eagleton (1983) and Antonie Compagnon (2009). These texts show also intertextual points between the two narratives, considering the difference of ununciation times of the books.

**Keywords:** narrative, metalanguage, metaliterature, intertextuality

Recebido em: 30/10/2020

Aceito em: 30/11/2020